

Descanse na paz da poesia, Manoel de Barros

por: **Rubenio Marcelo**

Aos 97 anos de idade, saiu de cena – na manhã de 13/11/2014, em Campo Grande/MS – o inesquecível poeta Manoel de Barros, que ocupou a Cadeira nº 1 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

No seu mister literário, ele renegou a mesmice e a tradição, desconstruiu o lugar-comum na edificação poética, rompeu habituais conceitos, ‘voou fora da asa’, celebrou o potencial das ‘coisas desimportantes’ (“pertencidas de abandono”) e buscou o legítimo ‘criançamento das palavras’... Assim, tencionando “renovar o homem usando borboletas”, ele inseriu – com a naturalidade do seu estro e estilo ímpar – uma linguagem nova/reinventada (deveras diferenciada) e um pendor estético marcante e aplaudido por (quase) todos. Assim, ao longo de sua vida, recebeu inúmeras homenagens e justas premiações literárias (inclusive dois ‘Prêmios Jabutis’).

A obra completa de Manoel de Barros é digna de destaque e deveras significativa, por isto tem sido tema de estudos literários nacionais e também objeto de teses, ensaios, filmes, vídeos etc. Desde o seu primeiro livro (“*Poemas concebidos sem pecado*”, de 1937), Manoel já demonstrava uma poética irreverente e instigante, caracterizada pelo incomum trato das palavras. Tenho na minha pequena biblioteca (e tenho lido) quase toda a sua obra – e tenho predileção por ‘*Livro de pré-coisas*’ (de 1985), ‘*O Livro das Ignoranças*’ (de 1993) e ‘*Livro sobre nada*’ (1996), livros emblemáticos que devem ser lidos e relidos. Dos mais recentes, gosto muito de ‘*Poemas rupestres*’ (2004), ‘*Menino do Mato*’ (2010) e ‘*Escritos em verbal de ave*’ (2011). Mas repito: toda a obra manoelina deve ser apreciada sem moderação.

É grandiosa a importância de Manoel de Barros para a nossa Literatura. E não por acaso, ele foi/é (e será sempre) aclamado como um dos maiores expoentes da lírica nacional. Já na década de 1980, Carlos Drummond de Andrade o considerou ‘o maior poeta brasileiro vivo’. Enfim, a sua obra – como bem asseverou Millôr Fernandes – “é única, inaugural, apogeu do chão”.

Tenho cerca de uma dezena de poemas dedicados ao (saudosos confrades) Manoel de Barros. E no meu livro “*Veleiros da Essência*” (Ed. Life, 2014) publiquei dois destes: ‘*De onde vem a poesia*’ e ‘*Celebrações*’ – o primeiro é um metapoema inspirado em momento reflexivo ao lado do poeta, em sua casa, aqui na *Cidade Morena*; e o segundo foi uma homenagem que a ele escrevi no dia do seu aniversário em 19/12/2013 – é este a seguir:

CELEBRAÇÕES

(ao poeta Manoel de Barros no seu aniversário)

Aos resolutos voos de um impulso azul,
os segredos dos horizontes
buscam as escadarias tatuadas pelas vibrações da essência...
Um pendão de silêncio perfumador de visões
desenvelhece o final da tarde...
Indiferentes ao teorema rudimentar do tempo,
caramujos e rãs velam os recipientes das nuvens,
regam as estrelas com a seiva das avencas
e reinventam dádivas indormidas ante o estado de infinito
dos enigmas espelhados no colo da noite...
Das varandas da madrugada
a lua desconhece edifícios e vitrais e aos poucos dá lugar aos lírios...
Em seus destinos e acenos,
pássaros, pedras, árvores, ventos, bichos e águas
celebram liberdade com borboletas
que rendilham o alvorecer e restauram trilhas humanas...
Do chão festivo brota uma harpa em timbre de poesia,
reinaugurando o enlevo e anunciando o dia...
– Teu dia, poeta.

Rubenio Marcelo

(poeta, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras)